

***PARA O AR
FAZER-SE GRITO***

Livro 24

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



CONVERSÃO

Converto-me no que possa para continuar a viver, confundindo instinto com necessidades. Dispensando os gemidos de dor, me encerro com tudo o que prezo, desprezando as sentenças que não me cabem. Dou-me o direito do uso, reciclo meus equívocos, manifestando interesse em viver no extremo tudo o que guardei. Acudo com presteza às últimas necessidades, devolvo as promessas não cumpridas, ponho a cara a tapa, a testa às rugas e a falta de forças para o ar fazer-se grito.



PRECIOSOS MOMENTOS

Sigo sem exatidão o caminho para o alcance de preciosos momentos. Embora não andem escondidos, apenas – ocultam a banalidade- eles devem ser achados. Vou onde deixaram abandonada a alegria, afasto os medos, colo as fraturas, reinvento forças. Cancelo todas as renúncias, declaro estado de vigília permanente na

conquista e, humilde, sossego na manutenção. Preciosos momentos nos quais ocupo minha desocupação, desfragmento as precárias uniões, reúno necessárias energias para ser essencial e apropriado frente aos fracassos e acertos. Os nós afrouxados permitem ideias solidárias com os outros e comigo mesmo. Elejo os eixos prioritários, estendidos de forma combinada entre a realidade e o que posso. Reformo atitudes, corrijo a ineficiência, a desistência, a lentidão. Abandono a falsa segurança, abandono o refúgio, dou transparência à solidão intrínseca que me faz lembrar a permanente fragilidade de que sou composto.



BENEFÍCIOS

Digo, comovido: os benefícios colhidos saíram como águas de um rio descontrolado, fora do seu leito, e germinaram em terra com sede. Alegrias espalharam-se pelos velhos e conhecidos caminhos, caprichosos movimentos foram usados para inovar a graça e o

brincar. Um tom de festa expressa o que não cabe mais dentro de mim; o milagre de animar distribui contentamento, tumultua o sossego, cria alarde na monotonia, deixa mais leve e mais fácil a tristeza.



CONCEPÇÃO

Subsistem ao tempo a ilusão, a propensão, a repressão, a madeira, a carne e o osso revelam de onde sai a vida, o nome do autor e a origem da obra. Quantas somas, cruzas, trocas, carícias baldeadas para o corpo onde se confirma o intento e a realização.

Ganham intensidade a casa, o medo, a preocupação que avaria a expressão, a saudade.

ILUSIONISTAS

Os falsos profetas se dedicam a predizer sempre o pior ou a prometer o que jamais será cumprido. Atam nossos pés e mãos ao que ainda está por vir, o futuro que nos atacará com maior fúria do que na falsa profecia anteriormente feita. Mandarei atrás deles enfurecidos reivindicadores que acreditaram neles. Sempre vejo os falsos profetas, na TV, no mercado financeiro, na fofoca. Vendem tranquilidade, estão nos consultórios disfarçados de hipóteses diagnósticas que depois jamais se confirmam. Uns se apresentam como mensageiros, outros como representantes de milagres, disfarçados ou a caráter mesmo. Leem mãos, pés, cinzas, pedras. Neles sempre haverá indício da farsa.

Na boca desses imprudentes visionários, a pior expectativa só se atenua quando o futuro se faz presente sem confirmação. Quando isso acontece, os sedentos de serem enganados mantêm a ilusão, trocando apenas de visionário.

AOS ENSAIOS

Escrever ensaios fortalece o desejo ardente, desapropria a tristeza que fica sem ter onde se esconder. Neles se arquitetam novas paixões, descobertas nos lugares mais inauditos. Chamam de volta a imaginação. Assim, as mágoas caem por terra. Descubrem-se as maravilhas do cotidiano, como escândalo de um amanhecer, o cheiro dos jasmims pelos canteiros que ousaram ficar por perto.

Recolhem-se os arquivos mortos sem violar as leis fundamentais, arranca-se a melancolia do seu crônico lugar e se anima o passado a fazer-se outra vez presente, alimenta-se o desejo de novamente viver.

Fazer ensaios é arremessar sonhos, andar aos trancos e barrancos contra a maré, mesmo que lágrimas irrompam e se precipitem enfurecidas contra o papel. As palavras brotam, partem para lugares ignorados até que se lhes destine onde cada uma deverá ficar.

Atiradas como surpresa, deverão roçar o incomum para desandar em arrepios, saudades, intrigas e enredos.

SEXO E TEMPO

Neste encurtado presente, não sobra lugar para lembranças. Não há tempo a perder, ainda que eu favoreça o tempo precedente como fonte de vida e inspiração. Ainda me surpreende saber que sou quase o mesmo em todos esses tempos. Quem se recusa a viver o tempo que lhe cabe viver?

Prover as necessidades da vida exclui a sublimação do sexo e o controle do tempo. A natureza avisa, há um limite que não aceita levantes, nada supera, nada resiste, as revoltas ficam sempre desamparadas, sepultadas, sujeitadas à rendição.

Há grandes riscos quando se sentimentaliza o sexo e o tempo. Um e outro transbordam, subvertem a segurança, produzem efeitos indesejáveis, tomam o lugar da ordem, promovem um corpo a corpo que invade e sufoca o talento, a prudência, desafiando a educação ordinária. Sexo e tempo consomem, transbordam o pensamento, que suplica paz a esses desobedientes que passam em silêncio sem prevenir a ruína.

GENTE NOVA

Sonego à minha consciência as dificuldades mais difíceis, tendo a dissolvê-las pouco a pouco, uma força mais poderosa que meu fracassado disfarce se ri de mim, descrente do meu êxito.

Minha tentativa sugere sortear gente nova como companhia, alguém que queira transpirar comigo, que elimine minha solidão, que se meta na minha pele, releve minha intolerância, amacie o espanto. Quero alguém que retarde e interrompa minha desistência, que me prive da decepção, que colabore com o pão e o vinho, que não me induza ao erro, que me outorgue liberdade, que fale o suficiente e o necessário, que resista aos assédios, que me proteja de suas lamúrias, que me suporte, aguente, confirme meus exageros e me segure para que não cair.

PARTIDAS

Partir, sem se permitir o retorno, quase se exilar. Afastar a vontade de ficar, servir longe, munir de força suficiente a coragem, prevenir um mal futuro, abrigar-se da dissintonia, anular as disposições, as boas vontades, as tolerâncias, as distorções, os encontrões. Ajustar o desejo à recepção oferecida.



SOBRE O MUNDO QUE ME CERCA

Ando atrapalhado por causa do mundo que me cerca, muitos negócios, tantos sacrifícios, tanta gente esquecida.

Persuadido a reunir todos, aproveito a ocasião para dizer o que sempre havia calado. Revi amenidades, gravidades, idiotas reverenciados, gravidezes não desejadas, batismos pagãos, flores artificiais, cultos indecifráveis, arsenais atômicos omitidos. Tenho saudades dos passes de Didi e dos dribles geniais de Garrincha. Reverti esforços mal dirigidos. Robusteci

minhas crenças no tesouro que é a prole. Revidei as ofensas maldosas e outras provas de ameaças a mim e aos meus. Devoro aos poucos os muitos ódios que permanecem fazendo a ronda nas fronteiras dos meus limites. Apesar da vontade torrencial, enormes são os recuos. Arremessados ao meu imaginário, meus ódios desgovernados roubam a cena sabotando essa falsa tranquilidade que tento manter aparente. Não tenho dito, mas odeio esse falso mundo do dinheiro que mente uma liberdade que só é oferecida a uns poucos, esse falso mundo dos títulos imerecidos. Evito esses acordos que pregam e autorizam a mentira de ir e vir, que permite e legaliza todo tipo de poderosos mandarem no voto, no votado e no eleito. Nego-me a pertencer a esse hipócrita sistema que autoriza o poder e as armas. Critico aqueles que falam do preconceito porque são eles os mais preconceituosos. Sempre que posso, afasto de mim os abusadores de poder, os invasores, os violadores dos direitos das pessoas. Eles são uma minoria, mas mandam no mundo. Funcionam corporativamente, não se misturam, acham-se superiores. Eles são os arrogantes, os presunçosos que espalham sementes de autorização para criar culpa naqueles que os cercam. Ajudam-se entre si, moem as culturas praticando o culto ao seu único ídolo: o

dinheiro. Declaram que deus lhes é favorável, e que réus são sempre os outros. Sentimentalizam a história para tirar proveito dela, gemem para serem ouvidos. Eles anexam, fingindo que unificam. São terroristas de Estado. Fazem-se representar por inocentes úteis que sentenciam e não sabem o que pronunciam, não sabem da raiz, do dano. Julgam sempre contra o menor, farsando serem amigos do rei.



DESMANCHE

Reduzem-se os ossos, adaptando-se ao fim. De posse do tempo, contestam as grandezas com uma desordem métrica. Abandonam a improvisação para cumprir seu destino. Nessa nova e constante ordem de coisas, se aprumam, edificam novos espaços, refazem interesses, comidas, dentes. Tumultuam-se os desejos não cumpridos que se acotovelam no estreito e agitado caminho. À flor da pele, esses desejos fazem a prosa maior que o feito, revivem mais do que vivem, reforçam o significado dos pequenos gestos, das poucas palavras.

Forjam insistentemente, sem fogo, pedem pequenos favores, esfriam e aquecem facilmente, absorvem tudo o que se lhes permite. Buscam sempre uma acolhida, dilatam as horas fugindo da derradeira. De nada lhes serve a aflição. No corpo do tempo, desaparece o viço e ele converte-se em extremos, onde falha a fé. Qualquer valor nunca o alcança, e ele regula o próximo passo como se andasse no precipício. Fala em voz baixa, emprega todos os recursos em cada ação, espera o súbito e a surpresa sem alardes, com um olho admirando, com o outro condenando. O corpo do tempo quase não confia. Bebe a água em pequenas e deliciosas poções, adormece por falta de estímulos melhores, remedia o mal com a falta de memória atual, tornando-se benemérito do resgate; vencido pela saudade, afrouxa o rigor, remoça o antigo romance, cala-se em surdas revoltas. Como um recurso providencial, renuncia aos afetos não ofertados. Frequenta o dia como um objeto desprestigiado, repara que dele se despedem com ares definitivos. Posto como um complemento familiar repassa histórias, recupera memórias, repasta as jóias peripécias para repercutir e tornar a repor o passado, pelo tempo demolido.

PROPOSIÇÕES

Proponho-me esperar o futuro sem alardes, alarmes, sustos, medos. Mas acatar, simplesmente, refuto. Quero participar, incluir prudência, valor, direito, opinião, as providências que me forem mais convenientes, manter-me longe da provocação, da corrupção, do hospital, do tribunal. Publicar no papel, que faço minha tribuna, todo o amor e o ódio que viver me causa.

Proponho que cuidem das pessoas como se propõem a cuidar do capital, da floresta, do ar. Tornar pura e longa a infância, que teme a extinção. Preparar os humanos para viver mais, e ao mundo, para recebê-los digna e merecidamente.

Proponho que os juízes de todos os tribunais paguem as consequências de suas desastrosas e onipotentes decisões, que se lhes obrigue a pagar as mesmas penas sofridas pelos inocentes mal julgados, que se os responsabilize pelo cuidado e pela manutenção dos mesmos enquanto vivem. Que o habeas corpus se aplique justa e somente aos que habemus anima. Que o infrator saia de campo junto com o jogador atingido. Proponho que os poderes públicos sejam públicos. Proponho a criação e distribuição equitativa de vagas prisionais entre ricos e pobres. Que as religiões paguem

impostos normais e adicionais como pena pelos vícios e ilusões manipulados e alimentados. Que os laboratórios indenizem todos os efeitos secundários causados pelos medicamentos e seja obrigatório ao político o registro cartorial de suas promessas de campanha.

Proponho à Europa e aos Estados Unidos da América do Norte uma taxa de devolução pelos bens roubados da América Latina, Oriente, Ásia, Médio Oriente e África, assim como uma multa pelo extermínio das populações no passado e no presente. Taxa extensiva às invasões e ao sequestro territorial. O mesmo tratamento punitivo a todos os tipos de terrorismo, inclusive ao terrorismo de Estado.

Proponho que em todos os meios que as pessoas frequentam, elas sejam priorizadas como valor máximo, acima do lucro, do dinheiro, do poder, da ganância, da acumulação e de qualquer outro bem móvel ou imóvel. Proponho a prática do amor e a rescisão dos pactos que alimentam lutas e injustiças. Reaver o direito de cercar as forças perdidas.

Por ora tenho nas mãos uma delicada, triste e constante razão para adentrar teus segredos. Nunca ousei perguntar miudezas da vida particular. Pela grande afeição, cogito pensar no grande risco que corro, vagueando e insistindo em tirar o sossego do passado.

A PARTILHA

Partilho com prazer o silêncio, a surpresa, a dor, o argumento, a falta, o luxo, a água, a culpa, o fracasso. Atrevo-me a partilhar a segurança, o segredo, a paixão, o Botafogo, a razão, a falta dela, a aventura, a calúnia, a surpresa. Quebro a unidade, divido, parto a corrente, comparto uma origem, o pão.

Todo esse partilhamento transpõe, coa e legaliza o tempo que passa.



OS TEXTOS

Torno a desterrar os afetos dissonantes. Acompanho, penhoro a prudência, corro grande risco de atrair o pior, perder o equilíbrio e desejar o impossível. Evito confessar todas as dívidas, parte delas - as que me prometi e não cumpri, jamais seriam perdoadas. Dei-me a entender que o respeito jamais perderia o espetáculo da satisfação própria. Não li todas as cartas, algumas vezes perdi o trem, a revolução, não

fui o primeiro amor da mulher amada, não me consta haver sido absolvido dos meus pecados originais. Vim correndo desde a idade mais remota para não perder o lugar na fila. Ao condutor perguntei o trajeto, do autor quis saber a meta. Fui autorizado a participar, a visitar, a sentir, a fazer uso da vida, passei roçando pela adolescência, pelo ofício, pelo cargo, me referi aos medos, modifiquei carinhos, segui os rastros dos que me ensinaram a brincar.

Ainda melho os textos, como andarilho pelas páginas, planto palavras que espalhem aqueles que sou e outros.



A INOCÊNCIA

Mandei ao exílio as manhas e os artifícios, animei-me com o resultado ainda que avance devagar. Apresento como definitivo o meu desespero, misturo o espanto e a dor da perda, nem as melhores memórias modelam. Isso leva um tempo.

Escassamente, manifesto palavras, quase paralisadas, sobre elas o peso do mau uso, do esvaziamento dos

significados que elas carregam. Tiro a poeira, o desgaste, o banal discurso que cristaliza seu sentido. Abro a porta para que a palavra inocente entre, encontre abrigo, fuja da exploração, da mentira, da irônica experiência que esvazia. Autorizadas, elas apontam o que se passa. Sacudidas, as palavras pedem licença para não revelar a verdadeira razão pela qual guardam, em segredo, o pedido para manterem a inocência.



MINHA ALMA VAZIA

Uma colaboração íntegra afastaria o perigo do meu coração congelar . O tamanho da discrepância confirma-se na saudade adicional, prejudicial ao bom andamento do cotidiano. Ainda que meu coração se esconda de viver além de si, tenho esperanças de ampliar seu horizonte. Até onde meu olhar alcança ver, prossigo nesta atitude de manter uma valiosa espera. Não sei a quem espero. Onde andaré a proteção ilustremente prometida e a

tranquilidade carente de ser renovada? Minha alma vazia assiste ao tamanho da solidão em meio a uma explosão de sentimentos sem controle. Até onde vigora esta ânsia inconclusa, desconforme? Falta-me aceitá-la, é o que resta.



PÓ

Vida! Estou prestes a receber o aroma descontinuado, que não irá estar lá, irá para outros lugares, com o tempo se vão todos os aromas se vão, dobram a noite, desaparecendo antes do dia. A ti, vida, te quero solidária. Todos os que se arriscaram, te perderam. Essas questões do viver não desculpam, não atenuam e registram todos os exageros. As graças não bastam para o viver.

Caem as provas de apego; se atiradas ao chão, perdem seu curso, desertam. Sancionadas as fraturas, recuperadas as memórias, resta a nossa origem: pó.

A CÉU ABERTO

Não costumo ouvir queixas que não seja a céu aberto.



AMOR OU DEFESA

Não sei se priorizo o amor ou sua defesa, qual deverá ser o principal e qual o acessório. Variar-lhe a condução tentando fazer com que progrida menos íngreme e menos reto, com tormentos calculados, ainda que precariamente, e com dores suportáveis ainda que limítrofes. Acalmo minhas disposições mais imediatas, diminuindo a autoridade do improviso. Ávido como todo instinto, o primeiro passo é estender-lhe a mão para que não se lhe roube o valor. Tornar o amor delicioso exige cuidados, esvaziamento da voluptuosidade, dobra da presunção. Posso garantir que há poucas coisas tão difíceis; o desdouro que o diga. As mãos são boas para as carícias, desde que a alma não passeie pelo inferno.

QUERO CHEGAR

Quero chegar a um tempo em que eu possa podar as minhas penas. Mesmo que provisoriamente, mudar as coisas como são. Não aceito ficar deste modo, sem significação, prejudicado, disfarçado de um inofensivo que carrega um peso punitivo.

Quero que a cor seja tão forte que não possa ser apagada. Incapaz de levar qualquer peso imposto, não aceito o sofrimento passível vestido de ato heróico.

Quero que a palavra venha pronta para ser dita. Derramada no papel, fará companhia ao solitário que a convoca para libertar-se de alguma desatualizada promessa.

Quero um destino que não seja trágico. Abandonado a condição de excluído, quero abrir caminhos para a hospitalidade ser recebida com vontade de retornar e ficar.

PROVAS

É necessário que se leiam, e vejam marcadas as letras, estilizadas, letras que dizem e contam e promovam sorrisos, porque transmitem o que não se pode dizer pela voz, então pelas letras se prove cada centímetro como um arqueólogo que redescobre um tesouro, como mago que escreve um novo feitiço, como músico que escreve uma nova nota, como poeta que explora em um novo verso, como cozinheiro inventando uma receita, como astrônomo na busca da estrela, como um simples mortal que busca novas sensações, como tudo o que se queira.

Será a letra que comece a traduzir o que coração dita, o que a alma voa para dizer e o que todas as células sentem. Vão dizer o que falta, dessas faltas que ficam escritas no olhar que atravessa até o coração e que sem pedir licença se instalam e para quem enfeitiça, provocam saudades. Escrever contos que contarão o que faz falta, essas faltas que consomem.

E de que valem essas letras? Os silêncios, as saudades, estreiam palavras nos silêncios, substituem os atos e preenchem as páginas em branco, dizem em voz alta e deixam sobre o papel o que as máquinas apenas

podem memorizar, porque lhes faltam os afetos, as lembranças.

Nunca se sabe em que lugares buscar, há que se dispor a encontrar, abrir as bibliotecas, varrer os pós, cavar, escavar, buscar nas novelas, nos contos, nos dicionários, nos porões, nos baús, nas memórias, como memoriais, como biografias e ensaios, porém sempre com palavras que lhes darão vida e sentido, e ressuscitem a inibição de quem não pode ou não sabe dizer.

Feito reféns, cativos da ausência de símbolos, os humanos necessitam de intermediários para dar-lhes outras formas de existência, a tirar-lhes da solidão do silêncio com palavras ou com signos, manifestadas de mil formas em cores ou sons que substituam as pás e desenterrem suas limitações. Sempre haverá alguma escuridão que não ilumine e não ensine a ler, porque para sabê-lo não basta entender das letras, mas de compreendê-las e senti-las, de reutilizá-las e de com elas construir-se cartas de amor ou de intenções, com elas, criar identidades ou encerrar inquéritos.

A PROCURA DO AMOR

A busca em torno do amor pode surpreender, tornar menos nítida a consciência e mais profunda a solidão. Aquele que confunde a procura com a urgência, não encontrará o amor. A avaliação apressada induz a uma confusão de referências, aumenta o risco. Quando sugestivas tentações se combinam para iludir, a emergência torna difícil o convívio entre a urgência da procura e a resposta urgente. Por mais que a iniciativa recomece, o desconcerto segue atrás.

Falta um pouco de magia, falta encantar a verdade do amor para que ele fique.



RECUSA

Acautelo-me dos amores efêmeros, sejam eles ligados a mim ou não. Mas tolero sua inevitável presença, utilizo seus proveitos. Neles há vestígios de juventude apressada, de interpretações ingênuas, tal o afã de domínio e posse.

Decifro a vontade original para chegar a entender as versões, ainda que reste muito por saber.

A VIDA

A vida passou tão rápido que não tive tempo de ver o que passou por aqui. Um estúpido descuido distraiu-me a observação. Com que caras ficaram as belas de antes, e as águas das praias? Mostrem-me o destino de cada objeto que larguei por aí, digam-me se a casa onde nasci segue ali. Se minhas dívidas de gratidão ainda seguem vigentes e se meus amigos ainda vivem na mesma rua, cuidando das nossas esquinas. Sei que alguns morreram, omiti de propósito, não quis chorar-lhes a ausência, preferi pensá-los distantes, esperando-me em algum retorno junto com o minuano que insistia em nos gelar, alguns doentes administrando a falta que a saúde lhes fazia.

Desviei-me daqueles rumos, descaracterizei minhas saudades. Desfiz um caminho, finjo que ele não mais existe para amenizar minha vontade de voltar, coisa impossível, já não está mais lá o que deixei. É perigosa uma ilusão sem limites, descara a minha invenção toda vez que, brincando com o tempo, viajo, desviando-me dos anos e aterrissando lá na quadra onde jogávamos futebol ou no café onde ficávamos olhando a noite chegar.

Desbotadas as fotografias, as lápides nomeiam os mortos, com data de entrada e de saída, os que perderam a vez, cessados, desintegrados, decompostos e desobedientes.

Estou descontente, sinistro, o que torna a perda real, irreversível. Descrendo na eternidade, aposto com os deuses uma partida de xadrez, ainda que nunca tenha aprendido a jogar. Que diferença faz, as regras me são impostas e não posso querer mais do que me permitem. Por isso, não tenho fé, ou até tenho, mas limitada, relativa ao tempo que me cabe viver. Depois, não poderei ter fé nenhum, depois só serei memória para uns poucos que se animem em dar-me voz.

A vida descosida me mete em enredos quase novelas, feito um arremedo de mito. Cheio de medo, preparo-me para o momento da desativação. É crônico desabituar-me à ideia de que em algum momento não existirei mais, parece piada, parece um conto alheio a mim.

Cumpro com desembaraço a cura das feridas, acaricio as cicatrizes, remendo poesias guardadas, só me resta fazer todo o possível para não perder o afeto, deixar de ter o amor por esse patrimônio.

A DOR QUE ME ACOMPANHA

Haverá por aí alguma dor perdida, maior que a minha? A impressão que me fica é a de que a minha dói mais, ela não para de doer, real demais para ser suportada, de tão minha lhe perdi o medo, com ela convivo quase em paz. A tolerância liberou-lhe o direito da permanência, da frequência assídua, tanto, que já não a levo tão a sério. De tão familiar, ela caçoa de mim, faz brincadeiras com meu interesse de convencê-la a cessar. Respeita a minha imaginação, dando-me tréguas esporádicas. Enquanto sonho, enquanto durmo, nega-se a uma separação definitiva. Pretende seguir nas minhas antecipações negativas, nas saudosas regressões, na hostilidade que me cerca feito crime, fome. Aonde eu vou, ela me encontra pessoalmente. Na afirmação dos seus direitos, aparece dotada de argumentos, aspira a uma supremacia sobre o prazer e a paz, lembra-me das injustiças diárias, da impunidade, da destruição que é herança e fere. Ela, a dor, se exilou em mim, já não consigo eludir nem provocar sua desapareição. Íntima, ela me acena mesmo sabendo que com ela não convivo de bom grado, e tenta fazer-me pensar que eu lhe pertenço, irresistivelmente coesa. Renasce toda vez que a condeno, aflora no meu ser como um destino que não se localiza em lugar algum embora esteja em todos.

CICLO AMBIVALENTE

Tantos desacordos, grande acúmulo de desentendimentos. Inexistentes os interesses de um encontro. A falta de lugar e vontade desafiam as margens de negociação. O desequilíbrio entre as barreiras de oposição e as tentativas de extroversão ficam atravessadas pela falta de intimidade e pelo excesso de proibição. Parece que as conquistas são propositadamente mal construídas para não prosperarem. Seu ciclo ambivalente alimenta-se dos seus próprios limites, e sua presença é um desafio à prudência e ao amor. Quando a união cai em descrédito, condena-se ao fracasso.



A TRISTEZA

Toda tristeza é lenta, contínua e onerosa. Apresenta-se como uma velha senhora exigindo respeito, limitando atos, determinando ordens e acabando com privilégios. Todos temem mexer com a tristeza e com os tristes, que

escondem uma fortaleza por detrás de uma fragilidade. A cada dia, a tristeza desenvolve uma nova moral para confirmar sua vocação de articular os sentimentos de todos. Ela, a tristeza, nem sempre é triste; às vezes ela se faz anônima, desistente, desesperançosa. Acaba com a condução do amor, dirige mal as paixões, prega a ruptura, promove a perda, ganha credibilidade disfarçada de realidade. É fonte de poder, calcula o eixo que orienta a ingenuidade. Manipula como se zelasse por grandes virtudes, finge respeitar a alegria, acaba com a privacidade, exaltando o egoísmo que quase sempre a acompanha. A tristeza define a vida como árida, afirma que o amor é uma doença, faz movimentos de anulação, forma insuficiências, valida os piores, enaltece o desperdício, predispõe um enamoramento com a morte e com o risco. A tristeza interpreta uma versão que junta os temores e as falências, coopera com a ruína, demite pais e filhos de suas funções, cria guerra entre gêneros, mantém morta a afabilidade e demite a gentileza. Estimula o pouco caso, e para manter-se viva, ilude aos que a adotaram, os faz tomar medicamentos que alimentam o disfarce. Assim, ela se perpetua mantendo conquistado seu direito de ser nociva.

PREVISÃO

Não tive mais remédio senão confirmar minha previsão: a princípio não quis acreditar no que aconteceu. Sem surpresas, assisti a uma legião de pessoas sem solidez, invadidas em sua intimidade. Mergulhadas nas profundezas da solidão, isoladas, sem possibilidades de saber que aquela porta aberta que convida não acaba no céu, antes, termina na descrença depois de tanta promessa não cumprida. Não terão aposentadorias tranquilas, isolados no silêncio aceitando tudo como obra do destino. Nasceram, vivem e morrem desocupadas dentro dos seus vazios, morrem sem conhecer o principal e o acessório, que as escassezes são barreiras superáveis. Nada lhes privilegia a existência, neles não há rastros de desejos, os cuidados a eles oferecidos são insuficientes.

DENTRO DA DOR

A saudade me invadiu por dentro, como um cobertor curto que expõe todos os esconderijos. Confirmando minha delação. Depois da primeira curva, deixei de olhar para trás e nunca mais voltei. Escondendo dentro de mim o tempo que escorreu até nascer um provocado aviso de que já era hora de voltar. Em silêncio, esquecido, o tempo não faz barulho, se aquieta obediente, se espreme em um canto qualquer, bebe lágrimas não choradas, brinca de eterno, se descaracteriza chorando perdas menores, disfarça queimando o olho que não cansa de tanto arder. Toda lágrima que choro tem o mesmo destino salgado. No olho se mostra uma dor úmida que derrete, e que nem sei de onde vem, sai de dentro, cai dando ordens, deixando minhas vísceras expostas.

ESSE TEU OLHAR

Esse teu olhar, especialista na arte dos encantos, permanece para manter esse estado de coisas, apesar do meu desespero. Implanta a atração como uma fonte da felicidade dirigida e governada como falsa promessa que virá quando chegar a ocasião. Deleguei-te todos os poderes para que pudesses chamar-me no apogeu e minha espera solitária. Não quero ser apontado como aquele que te inventa, te alucina, aquele que se consola com uma parcela tua. Fico com uma lembrança que não mais sustenta traços concretos. Todos estes motivos me favorecem pensar que o pouco que deste teu olhar restou é meramente decorativo, uma fantasia minha.



EPÍLOGO

Deixar-se possuir até entregar os pontos, entregar-se à leitura dos sonhos, de sonhos díspares que se entrelaçam por fronteiras mal determinadas, criando sombras que

superpõem segredos e se prendem na rede. Enquanto desfaz-se o nó do nervo, tenso, desviado do caminho, inconveniente.

Coisas que o vento não leva.



AMORES IMPERFEITOS

Amar imperfeitamente, ofender pelas tramas, criar artificios, deixar escuro o próximo espaço, misturar vontade com realidade, criar um rosário feito de arestas, alastrar o motivo mais vulgar, ensaiar a bala perdida, a granada e a grana, o fuzil aposentado e o canhão à espera da rendição. Esse o amor imperfeito, insurgido, revoltado, sem ânimo para demorar-se um pouco mais, misturado com ódio, uma pitada de indiferença que alveja e sufoca.



Roberto Curi Hallal

